

Sinto vergonha e indignação

Dobrámos mais uma vez a espinha. Não sei o que sente hoje o cidadão comum, mas, como médico a trabalhar há 43 anos no Serviço Nacional de Saúde, sinto vergonha e indignação pela forma como o País abordou a segunda fase da pandemia. À unidade, determinação e capacidade de antecipação, da primeira fase, seguiu-se o deslumbramento e o desleixo autocontemplativo. Poder político e estruturas da sociedade civil, tão céleres a responder inicialmente, deixaram-se adormecer na expectativa de que o vírus desaparecesse ou se ficasse por outras paragens.

Os hospitais de campanha em bom tempo instituídos foram desmembrados, o distanciamento social passou a fazer-se ao gosto do freguês e o uso obrigatório de máscara ficou-se pelo talvez mas nem sempre. Não admira pois que a infeção tenha recrudescido com todas as consequências que se conhecem.

Como se não bastasse a humilhação de passarmos a ser o país europeu com maior número de novos casos e de mortos por 100 mil habitantes, seguiu-se a necessidade de ter de pedir ajuda ao exterior, face ao descalabro. A quem, como e em que condições, é assunto tratado com pinças de que vamos sabendo a conta-gotas.

Soubemos agora que a primeira ajuda vem da Alemanha através de profissionais da saúde do ramo militar, na sequência de um pedido de ajuda da ministra da Saúde, Marta Temido, à ministra da Defesa daquele país. Tratando-se de um problema de Saúde, era de esperar que o assunto fosse tratado entre ministros da mesma pasta com trâmite nos organismos comunitários, mas, a fazer fé no noticiado, não terá sido assim. Estranha-se! Mais parece que foram outros órgãos e outras instâncias, a envolver-se neste processo de ajuda externa.

Estranha-se, também, que a equipe de profissionais militares alemães se vá instalar no hospital da Luz por razões alegadamente logísticas, numa clara menorização dos hospitais do SNS. Se há capacidade de transferir doentes Covid para a região autónoma da Madeira, se é encarada a possibilidade de transferências para a Áustria, que impede que os doentes sejam mobilizados entre unidades hospitalares da grande Lisboa? Que mensagem se pretende dar ao País com esta secundarização dos hospitais do SNS, alguns deles universitários? Não acredito, não acredito mesmo, que um Governo e uma Ministra, que sempre defenderam a centralidade do SNS no sistema de saúde, não tenham pensado ao menos no simbolismo que tal decisão comporta.

Que imagem do País se está a dar ao exterior? Que subserviência é esta que nos leva a consentir que um assunto de natureza sanitária seja tratado via castrense entre estados soberanos? Que mensagem se deixa aos profissionais do SNS quando se secundarizam as instituições públicas onde trabalham? Em Março e Abril passados eramos tratados e fotografados como heróis, agora

É caso para dizer, foi bonita a festa pá!

Jorge Almeida

Cardiologista no Hospital São João